

Imagens polifônicas de uma memória em risco

Antologia da memória poética da Guerra Colonial

Margarida Calafate RIBEIRO

Roberto VECCHI

Portugal, Porto: Edições Afrontamento, 2011, 646p.

No ano de 2011 completaram-se cinquenta anos do início da guerra colonial, nome dado ao conflito entre Portugal e suas colônias africanas. Em quatro de fevereiro de 1961, começaram os conflitos em Angola, conflitos que, posteriormente, se estenderam a Moçambique e a Guiné Bissau. A durabilidade da guerra, que só termina em 1974 com a Revolução dos Cravos, pode ser associada à teimosia de um regime autoritário, conhecido como Estado Novo, que pretende a qualquer custo manter o “Portugal imperial” e defender a sua história de ‘cinco séculos de colonização’ em África.

O interesse atual pelas temáticas que rondam o contexto do Estado Novo português e da guerra colonial pode facilmente ser identificado pela quantidade de produção bibliográfica sobre o tema encontrada nas livrarias de Portugal. No entanto, este despertar também evidencia aproximadamente quarenta anos de esquecimento sobre o assunto, e muitos dos trabalhos desenvolvidos hoje destacam esse silêncio que se seguiu após o 25 de abril de 1974.

O regime que construiu suas bases

através da exaltação da história imperial conseguiu manter suas rédeas utilizando a omissão dos dados reais como forma de controle. A censura, elemento essencial em qualquer regime totalitário, atuou fortemente na política do medo, eliminando do espaço da metrópole suas reais condições, concentrando nas mãos do governo os destinos do povo, manipulando as consciências. Com o início da guerra em Angola, a necessidade de silenciamento era cada vez maior, afinal, o governo defendia veementemente a manutenção dos seus territórios ultramarinos e considerava os conflitos como uma questão de rotina administrativa.

No entanto, apesar da repressão e da censura, é possível reconhecer o trabalho de jovens que, através da arte, fizeram valer as vozes contra o regime. São essas vozes dissonantes que Margarida Calafate Ribeiro e Roberto Vecchi reuniram na *Antologia da memória poética da Guerra Colonial*. A memória poética dessa guerra não está somente naqueles que, durante o período do conflito, produziram poemas sobre a situação vivenciada entre Portugal e África. A recolha da *Antologia* se propôs a um trabalho bastante amplo, ao selecionar produções que contemplam os últimos cinquenta anos. Assim, a memória poética conta com poemas produzidos durante os anos de guerra, bem como os que povoaram os anos seguintes, até o momento presente, ou seja, “poesia, de autores directa ou indirectamente envolvidos na guerra e elaborados quer no momento da experiência directa, quer mais tarde,

na condição de espaço da memória e de elaboração pós-traumática” (p. 21).

Diante do desafio de escolher o *corpus* da *Antologia*, seus organizadores seguiram critérios minuciosos para selecionar poemas que, segundo seus padrões estéticos, formavam uma “cartografia de rastros dos eus estilizados por uma guerra” (p. 22). Suas escolhas se basearam em três eixos teóricos: “(1) perceber a intersecção poética entre o individual e o colectivo nos aspectos vivenciais e traumáticos da Guerra Colonial; (2) reflectir sobre as relações entre poesia, memória e memória poética; (3) avaliar o impacto da poesia nas memórias públicas da Guerra Colonial e do fenómeno da memória da guerra na sociedade portuguesa e nas suas representações” (p. 23).

Ao entrelaçar memórias individuais e coletivas sobre um período bastante controverso da história de Portugal contemporâneo, os organizadores da *Antologia* permitiram que as representações sobre um momento importante da história de Portugal chegassem, de forma extremamente organizada, a um público maior, principalmente se comparado ao espaço público português durante a Guerra Colonial, quando o assunto se mantinha encoberto. Assim, a *Antologia* vem contribuir para uma série de publicações que agora podem tratar com liberdade desse período. Seus organizadores já possuem vasta pesquisa nesta área temática, tendo Margarida Calafate Ribeiro publicado, entre outras obras, *Fantasia Imperiais no Imaginário Português Contempo-*

râneo (2003, organizado com Ana Paula Ferreira) e *Uma História de Regressos: Império, Guerra Colonial e Pós-Colonialismo, Fantasmas* (2004), e Roberto Vecchi, *Excepção Atlântica. Pensar a Literatura da Guerra Colonial* (2010), entre outras obras organizadas em italiano.

A *Antologia* trata de um projeto grandioso. São 646 páginas, 178 poetas e 10 fotografias de Manuel Botelho. Entre os poetas escolhidos, encontram-se figuras conhecidas como Fernando Assis Pacheco, Manuel Alegre, José Bação Leal, Jorge de Sena, Sophia de Mello Breyner Andresen, António Lobo Antunes, João de Melo, Luíza Neto Jorge, entre outros que chegaram à atividade poética através da guerra, que escolheram a poesia como forma de expressar algo de incomunicável que os conflitos deixaram como memória.

Os poemas que compõem a *Antologia da memória poética da guerra colonial* estão organizados em dez seções: “Partidas e regressos”, “Quotidianos”, “Morte”, “Guerra à guerra”, “O dever da guerra”, “Pensar a guerra”, “Memória da guerra”, “Cancioneiros”, “Cancioneiro popular” e “Ainda”. O *corpus* foi selecionado não apenas pelas questões temáticas, mas respeitaram uma “discussão ampla sobre a poética, a memória, o esquecimento, as suas relações com a poesia e, em particular, a poética em tempo de guerra” (p. 23).

Para seus organizadores, a polifonia que compõe a *Antologia* é formada por poemas “de sobrevivências, de diminutas luzes que iluminam trevas,

sobrevivência dos autores, ou das suas vozes, mas também de uma experiência destruída que procura os seus traços na perda inexorável, no silêncio absoluto.” (p. 28). A obra que chega a público também se mostra um feixe de luz para aqueles que trabalham com as temáticas do Estado Novo português, da Guerra Colonial, das independências africanas, da produção literária portuguesa contemporânea, das relações entre literatura e história, entre outros temas relacionados também às ciências sociais.

Ao recuperar e reunir cinquenta anos de produção poética portuguesa sobre a Guerra Colonial, Margarida Calafate Ribeiro e Roberto Vecchi permitem que seus leitores preencham as lacunas deixadas pela história oficial do Portugal contemporâneo. Mesmo ao afirmar que “pela poesia não se faz a história, mas pela poesia pode construir-se uma memória poética de um facto histórico” (p. 25), os organizadores da *Antologia da memória poética da Guerra Colonial* deixam para o futuro do país um rico material sobre fatos históricos que não devem se repetir. As vozes contrárias ao poder do Estado Novo português e os seus herdeiros ficarão assim perpetuados no tempo através de uma “poética de perdas”, e, através da *Antologia*, esse “arquivo de vozes” cumprirá o seu papel de não nos deixar esquecer, nos permitindo uma leitura crítica dos anos de Guerra Colonial.

Roberta Guimarães Franco

*Doutoranda em Literatura Comparada
Universidade Federal Fluminense*

Meteorologia, climatologia geográfica e sociedade

Meteorologia Prática

Artur Gonçalves FERREIRA
São Paulo: Oficina dos Textos,
2006, 188p.

No livro *Meteorologia Prática*, Artur Gonçalves Ferreira busca ampliar e disseminar o conhecimento e melhorar a compreensão acerca dos fenômenos atmosféricos. O autor, formado em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1993), especialista em Gestão Ambiental (2001) e Meteorologia Aeronáutica (1997), atualmente trabalha no Departamento de Controle do Espaço Aéreo (Decea).

Gonçalves Ferreira optou por abordar a dinâmica climática a partir das imagens de satélite artificiais obtidas pelo sensoriamento remoto. Nesse processo, as imagens são produzidas por meio de sensores que absorvem a energia emitida pelos corpos.

As imagens podem ser mapeadas, e as diferentes frequências captadas e retransmitidas pelo satélite são visualizadas com cores diferenciadas, que, por sua vez, são correlacionadas com diversos tipos de situação: chuvas, nevoeiros e concentração de umidade.

Entre os satélites utilizados para o acompanhamento do tempo, existem dois tipos: os geoestacionários e os de órbita polar. Os geoestacionários estão a mais de 30 mil quilômetros de altura e orbitam na mesma velocidade da Terra.

Os de órbita polar estão posicionados mais próximos da Terra, portanto, obtêm imagens mais aproximadas.

Esses tipos de órbitas são apropriados, pois permitem manter sua antena apontada sempre para uma mesma região da Terra e assim captar dados de extensas áreas e transmiti-los com grande frequência. Dos satélites meteorológicos, é possível obter imagens da cobertura de nuvens sobre a Terra, por meio das quais observamos fenômenos meteorológicos, como, por exemplo, frentes frias, geadas, furacões e ciclones.

Segundo Teresa Gallotti Florenzano, em “Os Satélites e suas aplicações”, disponível em: <http://www.sindct.org.br/files/livro.pdf>, a previsão desses fenômenos pode salvar milhares de vidas. Dados de satélites meteorológicos também permitem a quantificação dos fenômenos associados às mudanças climáticas. No Brasil são utilizados, principalmente, os dados obtidos do satélite meteorológico europeu METEOSAT e do norte-americano GOES, muitas vezes mostrados a nós diariamente em programas de previsão de tempo pela televisão.

Partindo da elucidação da importância das imagens de satélite meteorológico à sociedade, o autor procurou em sua obra apresentar a temática com uma linguagem simples e objetiva, dividindo o livro em dez capítulos.

No primeiro capítulo, *Fundamentos de Sensoriamento Remoto*, Arthur Gonçalves Ferreira apresenta as ideias iniciais de sensoriamento remoto, que parte do princípio da identificação a distância dos objetos, utilizando a radiação eletromagnética. Essa energia

emitida é denominada albedo e cada superfície da terra e cada nuvem o possui em diferentes intensidades. Dessa forma, os sensores dos satélites podem detectar diferentes características da superfície terrestre, bem como distinguir vários tipos de nuvens formadas na atmosfera.

O capítulo seguinte, *Satélites Meteorológicos*, aborda principalmente os geoestacionários, descrevendo suas principais características, destacando os da série GOES e METEOSAT, que produzem as melhores imagens para a visualização dos fenômenos meteorológicos na América do Sul. Um dos principais objetivos das missões GOES e METEOSAT é obter informações repetidas, necessárias para detectar a trajetória e prever os sistemas meteorológicos severos.

O capítulo 3, *Interpretação de Imagens de Satélites Meteorológicos*, introduz os fundamentos básicos de interpretação das imagens sem, porém, se esquecer de abordar as características atmosféricas. Todos os satélites meteorológicos produzem imagens da Terra em pelo menos duas bandas do espectro eletromagnético: visível (VIS) e infravermelho (IR). Além disso, muitos satélites fornecem também imagens em uma banda específica, denominada vapor d'água (WV). A imagem visível identifica a quantidade de radiação solar refletida pela superfície terrestre. Já os sensores infravermelhos medem a quantidade de energia infravermelha emitida pela superfície terrestre e pela atmosfera, sendo essas informações importantes para observar as propriedades térmicas do planeta Terra como um todo. As

imagens que identificam o vapor d'água são geradas pela emissão de energia emitida pela Terra e pela atmosfera, absorvida em comprimentos específicos pelas nuvens e pelo vapor d'água suspensos.

Em seguida, os capítulos *A Atmosfera e Identificação das Nuvens nas Imagens de Satélites Meteorológicos* mostram como identificar os tipos de nuvens nas imagens, além de relacioná-las com o tipo de tempo que caracterizam. O autor destaca a importância de se estudar a atmosfera pelos efeitos que ela causa em nossas vidas, sejam esses efeitos naturais ou influenciados pela atividade humana. São mostrados elementos de grande importância no estudo da meteorologia como o vapor d'água, a radiação e a pressão atmosférica. Descreve também a importância da identificação de nuvens pelas imagens, pois suas formações são um relato fiel da estabilidade ou instabilidade atmosférica.

O capítulo 6, *Direção e Velocidade do Vento nas Imagens de Satélite Meteorológico*, procura definir as características que indicam a direção do vento nos baixos níveis, além de mostrar como é a circulação global, explicando por que os ventos sopram, qual é a sua importância para o equilíbrio térmico e pluviométrico do Planeta, além de explicar como é o seu comportamento em cada hemisfério.

Os capítulos 7 a 9, *Tempestades Severas, Sistemas Frontais e Ciclones Tropicais*, enfatizam as condições adversas de tempo, significativas para a aviação e para a sociedade de modo geral. Dessa forma, eles explicam como achar a localização de trovoadas em fenômenos

de escala sinótica e mesoescala, além de mostrar um estudo de caso sobre o fenômeno. Depois explicam o que são massas de ar e sistemas frontais e os que mais influenciam o tempo em nosso continente. Já o nono capítulo descreve o que são os ciclones tropicais e como se originam.

E o último, *Imagens Ambientais*, mostra a importância do monitoramento do meio ambiente por meio de imagens dos satélites geoestacionários, identificando, por exemplo, fumaça, que é um indício de incêndio em alguma localidade.

No decorrer da obra, Arthur Gonçalves Ferreria procura mostrar as principais características das imagens dos satélites meteorológicos, ensinando-nos a interpretá-las e relacioná-las com os tipos de tempo atuantes na atmosfera, alertando-nos sobre como o conhecimento meteorológico pode contribuir com a sociedade, principalmente, no sentido de evitar desastres causados por fenômenos atmosféricos extremos, que podem ser identificados com antecedência graças à tecnologia que foi desenvolvida e é utilizada em poucas cidades do mundo. No Brasil, os sistemas de alerta, interligados às defesas civis, pouco trabalham com a previsão do tempo ou não conseguem fazer a informação chegar com precisão aos locais que serão atingidos.

Hoje é difícil imaginar o estudo da atmosfera terrestre sem os satélites meteorológicos, até porque, anteriormente, deles quase nada se sabia, sem mencionar as previsões, agora possíveis com bastante antecedência. Isso se deve ao desenvolvimento do sensoriamento remoto, que consiste

no estudo de algumas características de um objeto sem, necessariamente, estabelecer contato com ele. Dessa forma, os sensores e as plataformas dos satélites enviam os dados obtidos através do sensoriamento remoto para as estações terrenas, que são responsáveis por processar os dados, para enviá-los de volta ao satélite, quando ocorre a retransmissão para outros usuários. A obtenção de imagens torna-se muito mais fácil, principalmente através da internet.

Portanto, atualmente, com a facilidade e a velocidade com que as informações são transmitidas, inclusive na obtenção das imagens de satélites meteorológicos, o método desenvolvido pelo geógrafo brasileiro Carlos Augusto de Figueiredo Monteiro (1971), a análise rítmica, que consiste em um método de análise diária dos elementos do clima de um determinado local, é munido de uma ferramenta extremamente poderosa, que permite analisar as condições atmosféricas em um intervalo de tempo curto, relacionando-as com os montantes de precipitação, umidade relativa do ar, temperaturas máxima, média e mínima.

Cada vez mais a resolução das imagens dos satélites meteorológicos vem melhorando com o desenvolvimento de novas tecnologias, porém a melhor resolução e a facilidade de transmissão dessas imagens pelo mundo não são garantias de que o homem irá compreender a dinâmica atmosférica no todo e, portanto, estamos ainda sujeitos a intempéries do clima. Dessa forma, a sociedade deve se conscientizar de que os fenômenos climáticos fazem parte constante de nossa vida e

que devemos nos adaptar a eles, caso contrário, veremos mais e mais vezes cenas comuns do nosso cotidiano, que nos são apresentadas pela mídia, quando aproveitam dos eventos climáticos extremos, que causam grandes perdas materiais e de vidas, para conseguir chamar atenção do público. Para que isso não continue acontecendo, pelo menos não com tanta frequência, é necessário e urgente que os estudos sobre o clima e os seus impactos sobre a sociedade sejam mais frequentes e que os setores públicos da união, estados e municípios, juntamente com a iniciativa privada, somem esforços para que haja melhorias nos procedimentos de planejamento das cidades frente às intempéries da natureza.

As imagens de satélites têm muito a colaborar, no entanto, não é isso que vem ocorrendo, pelo menos não nos estudos da Climatologia Geográfica dentro das análises da dinâmica atmosférica, alguns autores afirmando que tais estudos nunca tiveram grande visibilidade. Isso talvez em razão da dificuldade em relação ao entendimento dos sistemas atmosféricos e à interpretação das cartas sinóticas e imagens de satélites, muito trabalhados pelos meteorologistas. Isto não pode ocorrer, visto que as imagens de satélite são de suma importância para compreender a dinâmica climática do planeta.

Como vemos, esta obra é de fundamental importância para o melhor entendimento das imagens dos satélites meteorológicos e sua relação com a dinâmica atmosférica terrestre. A destacar que é uma publicação em língua portuguesa, o que não é fácil de ser encontrado em se tratando da me-

teorologia operativa, ainda mais para o Hemisfério Sul, mais especificamente para o Brasil.

Meteorologia prática é de grande valor, pois ainda são poucos os títulos dessa temática, com pouca exploração das questões específicas da dinâmica atmosférica. É obra de interesse para profissionais e discentes das áreas de meteorologia, geografia, agronomia e

todos aqueles que se utilizam ou desejam interpretar imagens de satélite.

Vitor Juste dos Santos

Graduando de Geografia da Universidade Federal de Viçosa

Edson Soares Fialho

Professor do Departamento de Geografia da Universidade Federal de Viçosa